

INTERNET: REFLEXÕES FILOSÓFICAS DE UM INFORMATATA

Marcelo Araújo FRANCO

UNICAMP/E-mail:marcelo@obelix.unicamp.br

RESUMO

As novas tecnologias de informação criaram um "espaço virtual" com funcionamento e características próprias, o Ciberspaço, onde milhões de pessoas se conectam em busca de informação. Mas além de disponibilizar informação, o Ciberespaço permite surgir novas formas de pensar, interagir e viver. A Internet e em consequência o Ciberespaço derivado dela, tem características peculiares devido a sua natureza digital. O bit é imponderável, maleável e efêmero. Isso faz com que os sistemas que compõem a Internet estejam em constante transformação. A Internet é um fluxo multimídia incessante, cujas principais características são a mutação e a multiplicidade. A diferença que a hipermídia faz em relação à escrita é a possibilidade de representar o pensamento em rede. Assim, a Internet está em consonância com um pensamento rizomático que rompe com a rigidez da linearidade da escrita, ao mesmo tempo que é a interface entre a inteligência viva e a máquina. A Internet é o elo que interliga aqueles que vão pensar em rede e com a rede. Por isso, a Internet deve ser compreendida como uma Tecnologia da Inteligência e uma nova cultura para a sociedade da informação. Isso exige uma forma de pensar que não tem como encadear todas as causas e efeitos até chegar a um destino final, mas outra forma que permita fazer as conexões necessárias de um mundo em constantes transformações. O homem deve reconhecer e exercer seu verdadeiro potencial usufruindo da sinergia dos recursos intrínsecos de sua inteligência em ligação com os conjuntos técnicos.

Palavras chave: Internet; Informática; Teoria da Informação; Pós-modernidade.

Ainda o ressentimento ...

Depois de mais de cinquenta anos de sua invenção, os computadores ainda são vistos com ressentimento por quem não domina sua linguagem e com desprezo, por aqueles que desejam uma máquina autônoma que, a rigor, não existe. Ora, sabemos que não se faz mais ciência sem as novas tecnologias. As pesquisas nas áreas de física, a química, a biologia e quase todas as demais áreas do conhecimento científico não mais são executadas em laboratórios que produzem dados empíricos. Os pesquisadores utilizam intensivamente programas

de cálculo e simulação em seus projetos. As possibilidades de comunicação entre pesquisadores ocorrem muito mais freqüentemente via rede do que em encontros e congressos.

A Teoria Matemática da Informação e a Internet

O século XX caracteriza-se pelo aparecimento de grandes alterações na noção do que é Informação. Uma primeira, distinguindo forma e sentido. Outra, decompondo a mensagem em símbolos e sinais. A forma implica que a mensagem pode ser transmitida independentemente do conjunto das significações que ele pode ter. Assim, como no caso de registros de algumas línguas antigas, uma informação (sua forma) pode se conservar sem que se conheça o seu sentido.

Ainda antes do surgimento dos primeiros computadores descobriu-se que as mensagens podiam ser transmitidas por sinais através da corrente elétrica. No entanto, no percurso entre a origem e o destino, a mensagem sofre interferências, ruídos que alteram ou descharacterizam o conteúdo da informação. Os desenvolvimentos técnicos de transmissão de mensagem só puderam ser concretizados quando se aprendeu como transformar sinais anárquicos e imprevisíveis, como os elétricos, em funções matemáticas regulares. Ou seja, descobriu-se como transmitir a mensagem apesar do efeito desorganizador provocado pelo ruído presente no canal de transmissão. Todas estas inovações convergiram para o estabelecimento de uma noção de informação como *quantidade*, um dos pilares da construção das novas máquinas eletrônicas digitais.

Ponto de partida para todos os trabalhos posteriores no assunto, a Teoria Matemática da Informação publicada por Claude Shannon em 1948 sintetiza estas descobertas. Shannon introduz o termo *Bit* (*Binary digit*) para designar a quantidade mínima da informação que pode assumir apenas dois valores, assim como cara e coroa, sim ou não, zero ou um. Quanto maior a irregularidade e a complexidade de uma informação, maior o número de *bits* necessários para transmiti-la. Ou seja, quanto mais *bits* em uma mensagem, maior a variabilidade e maior a informação.

A título de esclarecimento do conceito de informação, vejamos os exemplos de Bill Gates e de Norbert Wiener.

“Shannon definiu a informação como sendo a redução da incerteza. Por esta definição, se você já sabe que é sábado e alguém lhe diz que é sábado, você não recebeu nenhuma informação. Por outro lado, se você não

tem certeza do dia da semana e alguém lhe diz que é sábado, você recebeu informação porque sua incerteza foi reduzida" (Gates, 1995, p.46).

"Vale dizer, quanto mais provável seja a mensagem, menor será a informação que propicia. Os chavões por exemplo são menos alumbreadores que os grandes poemas" (Wiener 1973, p. 21).

A noção de informação de Shannon teve conseqüências profundas nos mais variados campos, desde as disciplinas científicas até as artes. É um dos alicerces que permitiu a construção das novas tecnologias de comunicação e informação - as tecnologias digitais.

A partir da Teoria da Informação, o desenvolvimento das máquinas informacionais irão transformar radicalmente o mundo do fim do século XX, construindo um mundo cada vez mais ligado em rede de informação global. É a era em que o espaço geográfico vai sendo suplantado pelo Ciberespaço, sem distâncias nem fronteiras.

20 milhões de livros da Biblioteca do Congresso Americano podem ser menos úteis que uma enciclopédia doméstica

Desde Claude Shannon sabemos que a informação é a redução da incerteza e a luta contra a entropia. Também sabemos que o conhecido não é informação; é repetição e redundância. A informação é composta de dados úteis que diminuem a incerteza e fazem a diferença. Quanto mais dados há, menos informação há; quanto mais informação há, menos conhecimentos há.

Por isto Gregory Rawlins (1992), preocupado com os problemas de recuperação de informação, entende que no futuro serão necessários três tipos de programas para auxiliar na recuperação da informação: os que procuram, os que organizam e os que selecionam.

De fato, encontrar um endereço eletrônico entre os milhões cadastrados na rede não é nada fácil. Primeiro porque não há listas similares às telefônicas. Segundo porque a criação, mudança e extinção dos endereços eletrônicos ocorrem com uma velocidade astronômica. Para ajudar a solucionar esta dificuldade foram criados alguns programas como **finger, whois e netfind**. O primeiro permite confirmar um endereço, saber quando foi a última conexão e até receber informações deixadas pelo usuário. Os dois últimos servem para consultar bancos de dados onde estão armazenados endereços eletrônicos das pessoas, o que seria a maior aproximação com as listas telefônicas tradicionais.

A Natureza Digital e Efêmera do Ciberespaço

A Internet não é uma coisa estável. Não é uma tecnologia pronta. É como uma cidade que está em permanente construção cuja vida dos prédios é extremamente efêmera. No Ciberespaço, aquilo que não é presente e não é novidade passa a ser arcaico e objeto de arqueologia. São tantas coisas novas que para aprendê-las é necessário esquecer o conhecido. O saber vai muito além dos limites da mente humana pois busca-se a informação por reticulações maquinicas, por rotas eletrônicas e por portas virtuais. Para isto, são precisos os signos, os protocolos, as chaves e as senhas as quais não estão no bolso ou na bolsa ou em algum outro suporte físico. São apenas virtualidades. No Ciberespaço códigos do real são implodidos. Quem ou o quê está do outro lado da tela? Um homem ou uma máquina? Não se sabe. No abstrato do abstrato (que é o virtual), os códigos da concretezude não dão as respostas.

A constante aprendizagem e o ressentimento dos intelectuais

Essa natureza escorregadia do virtual é o principal alvo de ataque de intelectuais apocalípticos como Baudrillard, Virilio e Lucien Sfez (1990, 1995, 1994) só para citar alguns. Todos eles sem o domínio técnico da coisa mas apenas teórico, o que torna impossível a compreensão da coisa. Venham eles com "grandes" ou "pequenos" relatos. Denunciar o quanto o computador é terrível não esclarece a questão das novas tecnologias. Ao contrário, ajuda a obscurecer.

Para mim é muito mais importante compreender como a Internet funciona e como se transforma. Importa estar apto para compreender as constantes transformações que aparecem nas telas, causadas tanto pelo aparecimento de novos sistemas quanto pela programação das interfaces. O primeiro caso representado pelas novas versões de editores de texto que obriga o usuário a permanentes atualizações; o segundo caso representado pelas diferenças cotidianas que aparecem nas telas do mesmo endereço eletrônico. Essas incessantes transformações solicitam um novo tipo de olhar e uma aprendizagem constante. As telas são voláteis por natureza e cada vez mais são utilizadas para representar o mundo. Tal como o livro fizera na modernidade. Por isto as transformações necessitam ser compreendidas e banalizadas. Como afirma Levy (1993, p.132): *"Para inventar a cultura do amanhã, será preciso que nos apropriemos das interfaces digitais. Depois disto será preciso esquecê-las"*.

O computador não é como uma biblioteca

O Computador não é como uma biblioteca que contém livros velhos e novos. Nele só interessa a última versão do *software*. O mesmo acontece com o *hardware*. Os computadores utilizados para fazer os cálculos para mandar o homem à lua possuíam uma capacidade ínfima em relação aos microcomputadores atuais. A performance da informação sobrepõe o valor da experiência e da memória humana. Não se sabe para que serve a experiência em informática pois não há utilidade em saber operar computadores antigos. Num clima de permanentes transformações é muito mais útil descobrir o que está surgindo do que conhecer o obsoleto. Esta é a grande perda (?) que a informática traz. A experiência e a memória de longo prazo não são muito úteis nestes espaços.

Os manuais de computadores são exemplos da velocidade desta mudança. Se antes o papel era usado nos manuais dos programas, agora os manuais também são *software*. Se não há mais tempo para imprimi-los, a solução foi transformá-los em *help*. Não é necessário lembrar como a coisa funciona. Basta apertar o "F1".

O *software* é que traz a característica de leveza da informática e mesmo da nossa época. Como afirma Calvino (1993, p.20): "*É verdade que o software não poderia exercer seu poder de leveza senão mediante o peso do hardware; mas é o software que comanda, que age sobre o mundo exterior e sobre as máquinas, as quais existem apenas em função do software, desenvolvendo-se de modo a elaborar programas de complexidade cada vez maior...*".

Para Calvino a leveza do *software* provém da imponderabilidade do *bit*. Para mim, a leveza do *bit* também explica a efemeridade do *software*. Ao contrário de um registro em suporte material, o estado do *bit* é sempre maleável. Por isto tudo o que é criado como *software* paga sempre o preço de estar sempre incompleto.

Diferentemente de um livro, um programa nunca está pronto

Como o programa de computador não está registrado num suporte definitivo, ele é como uma obra inacabada, podendo ser infinitamente modificado. Há como que uma espécie de genealogia do *software*: a última versão não passa de acréscimo ou correção da anterior. Como se lançássemos edições corrigidas de uma obra a cada instante. Por isto, ainda recente, o *software* torna-se rapidamente obsoleto. Além disto, normalmente o *software* antigo não permanecerá operacional porque ele está armazenado em um tipo de *medium* (disquetes, discos e fitas) que só pode ser acessado através de *hardware* específico.

Saldos bancários, saldos bibliográficos ... quinquilharias da modernidade

A efemeridade dos sinais informáticos torna-os bons para promover modificações (daí a importância da tecla "delete") e frágeis como suportes duradouros, isto é, como registros históricos. Na verdade, muitos navegantes do Ciberespaço não estão mais preocupados com registro e memória histórica. Estão mais ligados às memórias artificiais que dão acesso e manipulação da informação. Mantêm-se registros eletrônicos do saldo bancário, do saldo bibliográfico, da produção, dos acontecimentos mais por exigência de um mundo concreto baseado em um modelo anterior ao Ciberespaço. O Ciberespaço pode até reter registros históricos nas suas entranhas mas, para seus usuários, o que é significativo é o que circula na superfície efêmera das telas: a informação atualizada.

Internet: o desenlace da informática

A Internet cresce e se fortalece por ser baseada em sistemas abertos e sistemas distribuídos. O que significa sistema distribuído? O aperfeiçoamento do pequeno computador e sua posterior onipresença na sociedade contemporânea provocou uma pulverização do processamento computadorizado da informação, essencial para a banalização da própria informática. A esta primeira reviravolta seguiu-se outra quando estes equipamentos foram interligados em rede. Se por um lado eram independentes, por outro podiam unir suas capacidades e compartilhar recursos. Essa arquitetura que se estabeleceu em substituição aos *mainframes* recebeu a denominação de *cliente-servidor*, significando que as máquinas participantes de uma rede podem fazer solicitação de processamento em outra (cliente) ou realizar um processamento para outra (servidor). Esta arquitetura interliga computadores diferentes, isto é, trabalha em meio heterogêneo.

Acredito que este desenlace da informática que foi dar na Internet (pois não é mais possível separá-las) onde os sistemas fechados foram rechaçados por outros com interação heterogênea produzem efeito na maneira como as pessoas interagem com a informática.

Há o desejo de que tudo esteja interligado. Metamorphose, heterogeneidade e descentralização não são apenas princípios da rede. Mais do que isto são paradigmas de nossa época.

A filosofia de Deleuze e Guatarri e a Internet

Não há conceitos mais apropriados para refletir sobre a rede de computadores do que alguns criados por Deleuze e Guatarri (1992): rizoma é um deles. A ressonância entre a figura de rizoma e as carac-

terísticas da rede de computadores impressiona. Também chama a atenção seu conceito de corpo sem órgão. Um corpo sem centro, sem organização. O que é a Internet senão um corpo sem centro, caótico, fractal e sem órgãos...

A internet é esse corpo sem órgãos desterritorializador que o sistema capitalista ainda não sabe exatamente como regulamentar, como dominar, como explorar. Os microcomputadores com suas novas linguagens e novas interfaces tiraram a informática das universidades, dos governos e dos militares trazendo-a para a vida privada do cidadão. Mais do que a potência dos cálculos, a rede de computadores está promovendo novas oportunidades de comunicação que implicam transformações nas instituições e na vida das pessoas.

Assim como Deleuze (1995, p.45) capta o potencial transformador do pensamento em rede (rizoma) em oposição ao pensamento dicotômico (árvore) ele percebe a importância dos princípios dos sistemas abertos: *"Há hoje, nas ciências ou em lógica, todo o princípio de uma teoria de sistemas abertos, fundados sobre as interações, e que repudiam somente as casualidades lineares e transformam a noção de tempo. (...) O que eu e Guatarri chamamos de rizoma é precisamente um caso de sistema aberto"*.

O Saber e o Ciberespaço

O homem nunca esteve de mãos vazias. Sempre criou instrumentos técnicos para o seu fazer físico e cognitivo. Sempre recorreu a um aparato de objetos técnicos mediadores de sua relação com a natureza. Assim como o homem utiliza a tecnologia para alcançar a informação e a energia necessária a sua regulação, a tecnologia também se concretiza em máquinas que necessitam do homem como agente regulador.

Ao lado da tecnologia ligada à mecânica e à energia, o homem sempre desenvolveu sofisticadas tecnologias de inteligência: a escrita foi uma destas tecnologias como bem aponta Levy (1993, p.76-99), cuja expansão transformou toda a cultura. A representação impressa, mais precisa, mais exata e mais objetiva quebrou o mistério do conhecimento reservado a poucos homens e permitiu o esclarecimento das atividades humanas nos seus aspectos mais secretos.

O desenvolvimento científico contemporâneo fragilizou o saber narrativo típico das sociedades modernas fazendo surgir um novo tipo de saber. Como afirma Lyotard (1988, p.4):

"Nesta transformação geral, a natureza do saber não permanece intacta. Ele não pode se submeter aos novos canais, e tornar-se operacional, a não ser que o conhecimento possa ser traduzido em quantidade de informação. Pode-se prever que tudo o que no saber cons-

tituído não é traduzível será abandonado, e que a orientação das novas pesquisas se subordinará à condição de tradutibilidade dos resultados eventuais em linguagem de máquina. Tanto os 'produtores' de saber como seus utilizadores devem e deverão ter os meios de traduzir nestas linguagens".

Como ocorreu com a invenção da imprensa, a informática de nossos dias possui um arrebatamento libertador ainda maior pois apesar de a escrita e de a imprensa serem tecnologias da inteligência, elas não possuem recursos tão elaborados de recuperação e transmissão da informação quanto à informática que através de linguagens de computador integra uma multiplicidade de signos: binários, musicais, alfabéticos, icônicos, sonoros e imagéticos entre outros.

Consultar catálogos de biblioteca é tão obsoleto quanto datilografar na velha Olivetti

Há poucos anos, os editores de textos dos microcomputadores tornaram obsoletas as máquinas de escrever. Hoje, as facilidades da Internet tornam obsoletos os acessos tradicionais às informações, como por exemplo recorrer aos fichários de bibliotecas.

Há muito tempo a Física, a Matemática e a Engenharia já haviam abraçado a Informática como meio e infra-estrutura para pesquisa. Também a Química entendeu ser mais fácil conhecer as moléculas por simulação em computador do que em experimentos empíricos. Mais impressionante é a ressonância existente entre Informática e Biologia. Na pesquisa biológica, os processos de identificação de seqüências de genes são feitas por programas e bancos de dados acessados via rede. A Internet tornou-se uma parte tão importante para este tipo de pesquisa que quando a rede tem problemas, a pesquisa fica inoperante.

Além da ciência a informática entrou no cotidiano das pessoas de tal forma que a falta de preparo para este novo tipo de comunicação provoca o surgimento de novos tipos de analfabetos. Se o analfabeto tradicional não conhece o código de letras, cuja tentativa de universalização é um dos pilares da sociedade industrial, os novos analfabetos são aqueles que não conhecem as linguagens das interfaces tecnológicas, características da sociedade da informação.

Os computadores são máquinas profundamente indeterminadas necessitando sempre de informação do usuário para funcionar. Na visão de Negroponte (1995) as interfaces tornar-se-ão cada vez mais amigáveis a ponto de uma máquina que trabalha com informação poder se assemelhar a uma televisão, o que é questionável. Os computadores sempre vão precisar de uma mentalidade voltada para a so-

lução de problemas. A informática, porque resolve problemas, também cria problemas novos. O computador não é uma máquina de escrever sofisticada e nem a Internet é um entretenimento alternativo à televisão. São poderosas tecnologias da inteligência a exigir uma consistente base educacional e cultural. Não é porque ainda temos analfabetos das letras que a erradicação do analfabetismo não se coloca como programa universal. O mesmo se dá com a informática e os computadores. Não há mais opção. E nem deve haver mais ressentimentos. Existe alguém aí ainda ressentido porque a humanidade optou pela cultura escrita e esta tornou-se dominante em relação à oralidade? A mesma pergunta se coloca com os computadores: existe aí alguém ainda ressentido porque a humanidade inventou as linguagens de máquina e esta tornou-se dominante em relação à linguagem natural?

Com linearidades derivadas da cultura escrita não é fácil dominar o que funciona através de conexões em rede. É preciso saber fazer as ligações certas nos momentos adequados; perceber que quando se modifica uma posição, toda a rede se transforma. Que quando ocorre um erro, ele se manifesta. Não é mais complexo manipular um computador do que ler um livro, mas as duas atividades exigem atitudes distintas, formas de pensar diferentes.

Hoje usamos o livro como forma de armazenarmos, organizarmos e catalogarmos informação. Pensamos com a estrutura da escrita. A informática contemporânea coloca a rede como meio e infraestrutura de representação do conhecimento. Por isto devemos reavaliar a prática de memorizar, catalogar e "dominar" a informação.

Como afirma Lévy (1993, p.119): *"O saber informatizado afasta-se tanto da memória (este saber "de cor") ou ainda a memória, ao informatizar-se, é objetivada a tal ponto que a verdade pode deixar de ser uma questão fundamental, em proveito da operacionalidade e da velocidade"*.

Parece não ser possível dar conta dos fluxos de informação advindos das novas tecnologias apenas com um referencial de uma outra época: a cultura escrita. Calvino (1990) mostrou as qualidades de uma literatura para o próximo milênio: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Valores que também se tornaram alvo daqueles que estão em busca de uma forma de pensar em ressonância com as transformações de nossos dias.

Conclusões

1. A oposição que se procura colocar entre os homens e a tecnologia é falsa. A técnica está totalmente inserida nas práticas culturais e sociais.

2. As Novas Tecnologias de Informação criaram um 'espaço virtual' com funcionamento e características próprias que exigem novas formas de pensar, novas formas de interagir e novas formas de viver.

3. A natureza digital da Internet faz com que os sistemas que a compõem estejam em constante mutação. Ao contrário dos suportes em registros materiais o *bit* ocupa muito pouco espaço para ser representado. Mesmo assim, quando se tem excesso de dados e informações, estes são constantemente apagados e substituídos. A Informática gera uma constante atualização e o abandono do que se torna obsoleto. Em um tempo em que se pode manipular uma quantidade gigantesca de informação, saber significa também saber esquecer. Quando a informação pode ser acessada em memórias artificiais, não há mais necessidade de tentar memorizar o que nem mais pode ser memorizado.

4. Os sistemas que compõem a Internet também se caracterizam por serem heterogêneos, interligados, abertos e distribuídos. Isto tem conseqüências. As grandes empresas de *software* são obrigadas a se adaptar a padrões públicos e abertos. Isso leva à substituição de modelos centralizadores e homogêneos dominantes possibilitando o surgimento de alternativas de produção e distribuição de *softwares* de domínio público.

5. A Internet como tecnologia da inteligência não diminui a importância de outras tecnologias, como a escrita e a imprensa. Pelo contrário, a Internet depende da escrita, ao passo que o inverso não é verdadeiro.

6. A Internet é um fluxo multimídia incessante, cujas principais características são a mutação e a multiplicidade. Um não-lugar que se apresenta continuamente nas telas dos computadores. A diferença que a hipermídia faz em relação à escrita é a possibilidade de representar o pensamento em rede. Sendo uma rede, a Internet rompe com a linearidade da escrita ao mesmo tempo em que a Internet é a interface entre a inteligência viva e a máquina. A Internet é o elo que interliga aqueles que vão pensar em rede e com a rede. Por isso ela deve ser entendida como uma Tecnologia da Inteligência.

7. A Internet não é isenta de erros e incertezas. Apenas reduz algumas incertezas, como todas as tecnologias advindas da Teoria da Informação. Tal teoria não se preocupa em localizar o que é certo e verdadeiro mas demonstra que a informação é apenas uma redução de incerteza.

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos externos.** Campinas: Papirus, 1990.
- BRETON, Philippe. **História da Informática.** São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____, GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia,** Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- GATES, Bill. **A estrada da Informação.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. **L'intelligence collective: pour une anthropologie du cyberspace.** Paris: La Découverte, 1994.
- LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- NEGROPONTE, Nicolas. **A vida digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RAWLINS, Gregory J. E. The new publishing: technology's impact on the publishing industry over the next decade, United States. **The Public-Access Computer Systems Review**, v.3, n.8, p.26, 1992.
- SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação.** São Paulo: Loyola, 1994.
- SIMONDON, Gilbert. **Du mode d'existence des objects techniques.** Paris: Aubier-Montaigne, 1969.
- VIRILIO, Paul. **O espaço crítico.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- _____. **Alerte dans le cyberspace. Le Monde Diplomatique.** Paris, 28 de agosto de 1995.
- WIENER, Norbert. **Cibernética ou controle e comunicação no animal e na máquina.** São Paulo: Polígono/USP, 1970.
- _____. **Cibernética e sociedade: o uso humano dos seres humanos.** São Paulo: Cultrix, 1973.

ABSTRACT

The New Information Technologies created a new virtual environment called Cyberspace where millions of people are connected to, searching for information. Besides supplying information, the cyberspace allows new ways of

thinking and live. Because the peculiarity of cyberspace as a digital environment, changes e mutations are frequent at Internet. Internet is an endless multimedia information system in constant change. The difference between writing and hipermidia is the possibility of representation thought in a net format. Because of this Internet represents the interface between man's intelligence and machine. So far Internet must be understood as an Intelligence Technology.

Key words: Internet; Informatcs; Information theory; Post-modernity.